

TEMPO E MEMÓRIA EM “PEDRA DE SOL”, DE OCTAVIO PAZ

*TIME AND MEMORY IN
“PIEDRA DE SOL”, BY
OCTAVIO PAZ*

Tiago Eric de Abreu¹
(FAPEMIG/UFU)

RESUMO: Octavio Paz (1914-1998) escreveu poesia e ensaios, refletindo sobre a literatura, a condição humana, a cultura, a política e, sobretudo, sobre a relevância da história para a escritura poética. Seu poema “*Piedra de sol*” (1957) apresenta pontos de convergência com a história de seu país, o México, inscrevendo memórias e imagens que se mostram de forma singular no texto, entretecendo correspondências entre experiências, imaginação e histórias. Considerando a visão crítica de Octavio Paz sobre a literatura, o presente estudo apresenta uma possibilidade de leitura hermenêutica que aborda as imagens do texto literário do ponto

¹ Além de escritor, é pesquisador bolsista FAPEMIG/UFU, estudando literaturas hispano-americanas e orientais.

de vista de suas correspondências com as cosmovisões presentes na história antiga do México (povos pré-colombianos) e, simultaneamente, propõe reflexões acerca da questão do tempo e da memória reinventados na escritura poética.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia; Memória; História e mito; Mesoamérica; Octavio Paz (1914).

ABSTRACT: The Mexican writer Octavio Paz (1914-1998) wrote poetry and essays, doing reflections on literature, culture, politics, human condition, including considerations about the meaning of history in poetic writings. Paz's poem "Piedra de sol" (1957) converges with the history of his country, Mexico, inscribing memories and images that present themselves in a peculiar manner in the text, establishing correspondences among experiences, imagination and histories. Considering the critic point of view of Octavio Paz about literature, the present article deals with the possibility of a hermeneutic comprehension that considers the literary text images through the point of view of their correspondences with the cosmovisions of pre-Colombian people. Thus, this study puts forth reflections about the reinvention of time and memory in poetic writing.

KEYWORDS: Poetry; Memory; History and Myths; Mesoamerica; Octavio Paz (1914-1998).

*O lirismo é a expressão dos tempos
primitivos, em que 'o homem acorda num
mundo que acaba de nascer.
(Gérard Genette)*

O poeta e ensaísta mexicano Octavio Paz (1914-1998) apresenta, em sua extensa obra, diversas reflexões sobre as relações entre a poesia e a história e suas convergências na experiência poética. Em seus ensaios críticos, de considerável amplitude temática, Paz entabula conexões entre os campos da cultura, da linguagem e das

manifestações artísticas nas civilizações do oriente e do ocidente, tendo essencialmente em foco a condição humana.

Os ensaios de Octavio Paz sobre poesia podem ser vistos como tentativas de elucidar a natureza da faculdade poética² e sua ocorrência nas sociedades. Manuel Ulacia, estudioso da obra paziana, sustenta, no livro *El árbol milenario*, que os trabalhos de reflexão crítica e de criação poética de Octavio Paz, pela contiguidade de pensamento e expressão, constituem uma totalidade formada por vários vasos que se comunicam entre si (ULACIA, 1999, p. 100), embora não de maneira unívoca e linear. Paz descobre, reinventa e experimenta em seus poemas, enquanto, paralelamente, em seus textos críticos, ele reflexiona e articula teoricamente sua experiência com a linguagem e outros campos do conhecimento.

A visão sobre a história e o tempo não lineares é um tema central na obra de Octavio Paz e constitui um dos fundamentos sem que a crítica do escritor mexicano se sustenta frente às ideias de modernidade e de tempo histórico progressivo. O título da obra de Ulacia (*El árbol milenario*) expressa, entre outras coisas, o pensamento de que cada livro de Paz representa uma renovação de sua escritura, que se ramifica e se renova, ainda que se funde no substrato da antiquíssima experiência humana com a linguagem.

Para Octavio Paz, cada um de seus livros representa uma tentativa, um caminho ou estação criativa. O escritor se questiona: as diferentes trilhas de sua obra criativa seriam “Bifurcações de caminhos poéticos, ou, simplesmente estações de um itinerário único?” (PAZ, 1997, p. 17). Octavio Paz assim reflete que a mudança é, paradoxalmente, a forma com que o homem busca ser fiel a si, consagrando a palavra poética que revela seu ser no mundo, em perpétua transformação.

Entre 1943 e 1960, há um conjunto de trabalhos na obra de Paz, que Ulacia (1999, p. 98) descreve como pertencente ao segundo período criativo do poeta. É neste período que Paz escreve o poema “Piedra de sol” (“Pedra de sol”, 1957), no qual se encontram

sugestivas correspondências e paralelo sentre as artes e cosmovisões da Mesoamérica pré-colombiana e do oriente/ocidente. As experiências que Paz teve fora de seu país contribuíram para ampliar a presença sincrética em seus textos, nos quais é notável o afluxo de imagens advindas de culturas ‘outras’, distintas do paradigma eurocêntrico, tais como as artes ‘primitivas’, as tradições indianas e a arte da Mesoamérica³pré-colombiana.

Segundo Octavio Paz (PAZ, 1994, p. 79), a busca da compreensão estética da arte mesoamericana foi um fenômeno que ocorreu após um primeiro momento de investigações arqueológicas e históricas encetadas no século XX pelos pesquisadores. Com as transformações geradas pela Revolução Mexicana (1910), a recuperação da arte do antigo México indígena viria a modificar a visão que o povo da “terra do fogo” tinha sobre seu passado pré-colombiano, a ponto de se exaltar acriticamente esse passado glorioso representado, sobretudo, pelo povo Mexica (Asteca).

Após a Revolução Mexicana, revelou-se a necessidade de se restabelecermos vínculos com o passado índio – que haviam sido rompidos pela invasão espanhola (1519) – e impôs-se, igualmente, a necessidade dor e ligamento dos laços com a memória novo-hispânica (do México colonial), com a qual a Independência (1821) havia estabelecido uma ruptura. Dadas as referidas condições históricas, a reinvenção e integração da cosmovisão mesoamericana, a partir da sua apreciação estética, na arte e literatura modernas, constituiria um campo fértil para a criação poética reconciliadora (porém crítica) e convergente que Octavio Paz apresenta em seu poema “Pedra de sol”.

Reunindo escritos poéticos criados entre 1935 e 1957, o volume *Libertad bajo palabra*, obra publicada em 1960, apresentou em língua castelhana o texto “Pedra de sol”, poema extenso, composto em versos hendecassílabos. São 584 versos, sem contar os seis últimos; estes são iguais aos seis primeiros versos,

sugerindo um movimento cíclico que se reengendra. O número de versos do poema guarda uma relação analógica com a revolução sinódica do planeta Vênus, que é de 584 dias, periodicidade esta que era uma das formas pelas quais os povos do México pré-colombiano ritmavam ciclos festivos e políticos. Com os versos transcritos a seguir, principia e termina o poema, num movimento de recomeço e regresso perpétuos – tal qual um espiral:

um sáliz de cristal, um choupo de água
um alto repuxo que o vento arqueia
uma árvore firme porém dançante,
um caminhar de rio que se curva,
avança, retrocede, dá uma volta
e chega sempre:
(PAZ, 1988, p. 7)

A imagem do rio espelha a confluência dos três tempos, em uma analogia do ritmo perpetuamente criador, que Paz descreve como “temporalidade manando” (PAZ, 1972, p. 179). A visão do tempo cíclico perpassa todo o texto de “Pedra de sol”. A espacialidade circular do tempo torna-se visível nas imagens:

caminho a cegas pelos corredores
do tempo e subo e desço seus degraus,
suas paredes toco e não me movo,
volto onde comecei
(PAZ, 1988, p. 49)

Para o poeta-crítico mexicano, os versos de um poema são frases rítmicas capazes de “recriar o tempo” (Paz, 1972, p. 64) e, pela sua presentificação na invenção poética, o passado é convocado e regressa, na escrita assim como no ato da leitura:

Agamêmnon e seu mugido imenso
e o repetido grito de Cassandra
mais forte que o bramido do oceano,
Sócrates em cadeias (o sol nasce,
morrer é despertar: ‘Críton, um galo
pr’Esculápio, estou já são da vida’),
o chagal que disserta entre as ruínas
de Nínive, a sombra que Brutus viu
logo antes da batalha, Montezuma
jazendo entre os espinhos da insônia,
a viagem na carreta até a morte
– viagem interminável, contada
por Robespierre minuto a minuto,
a mandíbula quebrada entre as mãos –,
Churuca em sua barrica como um trono
escarlate ao sair para o teatro,
o estertor de Trotsky e seus gemidos
de javali, Madero e seu olhar
que ninguém respondeu; porque me matam?
(PAZ, 1988, p. 53)

Nos versos de “Pedra de sol”, as figuras históricas de Agamêmnon, Cassandra, Sócrates, Brutus, Moctezuma, Robespierre, encarnam feições míticas, arquetípicas. As singularidades de suas memórias pessoais, biográficas, reunidas e ritmadas, são transfeitas, e cada história individual passa a expressar o destino cíclico, arquetípico, comum à humanidade, manifestando a convergência do particular com o universal, ao aludir à experiência de todos os homens e mulheres com a morte.

Sobre as concepções de tempo e de história implícitas no texto, cabe considerados pensamentos da Índia e da Grécia antiga, conforme o pesquisador das filosofias indianas, Heinrich Zimmer:

‘Este povo tinha grandes historiadores que investigavam e descreviam a história de seu tempo; mas... consideravam a história do universo como

um processo natural no qual tudo se repetia em ciclos periódicos, de maneira que não ocorria jamais algo de totalmente novo'. Nós ocidentais, por outro lado, vemos na história do mundo a biografia da espécie humana [...]. A biografia é uma forma de ver e representar que se concentra no singular, no irreproduzível [...]. Pensamos em egos, em indivíduos, não na Vida(ZIMMER, 1989, p. 22-3)

AfirmaZimmer (1989, p. 24) que o mito restabeleceria o equilíbrio entre, de um lado, a visão que mostra a magnitude ilimitada do tempo que transcende as medidas históricas humanas, e, de outro, o papel restrito da breve vida individual. Tais visões mostram a relatividade do tempo humano dentro do movimento maior das eras cósmicas, ideia que contraria o culto personalista ocidental, sobrepondo à história individual, a história maior da vida do universo. A visão cíclica da história (ou das histórias) atualiza o caráter arquetípico da temporalidade que retorna e encarna sempre de novo em cada ser que nasce, não como continuidade, mas como recomeço. Esta ideia torna-se visível na experiência poética de que Octavio Paz dá testemunho e é, também, estruturalmente, uma noção afim ao pensamento mesoamericano não relacionado à circularidade do tempo.

Nos calendários da Mesoamérica, os anos e os dias tinham nomes – advindos da combinação de treze números com vinte signos (*tonalli*), que se repetiam periodicamente, relacionando-se, também, com o ciclo de aproximadamente 260 dias ou nove meses da gestação humana. Esta forma de ritmar os dias e os anos, segundo Eduardo Natalino dos Santos, pesquisador da história dos povos da Mesoamérica, fundamentava toda projeção de atividades futuras, em esferas da vida como plantio, viagens, festas, baseando-se na influência dos *tonalli* (signos) que davam nome e identidade a cada ciclo de tempo e a cada era (SANTOS, 2002, p. 83). Esta visão das dimensões e recorrências temporais – dos ciclos cósmicos, siderais e estacionais – propiciava aos mesoamericanos meios para calcular momentos propícios, baseando-se na “infundável recorrência dos

ciclos de tempo”, conforme aponta o estudioso das literaturas da América Gordon Brotherston (BROTHERSTON, 1995, p. 145).

Contudo, ao discurso ritualístico e arquetípico da temporalidade mesoamericana mesclava-se, com igual força, a referência histórica a eventos e lugares específicos. As referidas concepções sobre o tempo e a história trazem consigo uma compreensão milenar que está além da dicotomia ocidental entre diacronia e sincronia, entre narrativa histórica e ciclo ritual (BROTHERSTON, 1995, p. 147). Essa forma de conceber o tempo é, pois, vital para se entender as visões sobre a história, a memória e o ritmo das analogias poéticas pelo prisma de Octavio Paz, tal como aparecem associadas, em sua obra, ao tempo da poesia, isto é, à presença.

Tangendo a temática do tempo que retorna, a ideia de consciência histórica emerge das reflexões como uma questão que põe em xeque a noção de história linear e progressiva, e até mesmo a concepção de história enquanto discurso sobre eventos. A experiência poética de Octavio Paz desterritorializa os campos da poesia e da história e considera-os como não hostis, integrando e conjugando tempos e espaços através da arte de convergência. A construção de uma imagem da história cultural, o discurso histórico e memorialista da individualidade, bem como a coexistência de diversos níveis de experiência no dizer poético são temas pertinentes à crítica que Octavio Paz tece acerca da cultura moderna, sobretudo a mexicana, em seu livro *El laberinto de la soledad*⁴:

Há os que vivem antes da história; outros, como os otomis, deslocados por invasões sucessivas, vivem à sua margem. [...] várias épocas se defrontam, se ignoram ou se entredevoram, numa mesma terra, ou separados apenas por alguns quilômetros. [...] As épocas ancestrais não desaparecem nunca e todas as feridas, mesmo as mais antigas, ainda minam sangue. Às vezes, como as pirâmides pré-cortesianas que quase sempre escondem outras, numa única cidade ou numa única alma misturam-se e superpõem-se noções e sensibilidades inimigas ou distantes (PAZ, 1984, p. 15)

Octavio Paz descreve a cultura como a confluência de muitas correntes e épocas e, nela, assim como em cada ser humano, as aparentes contradições e níveis históricos conviveriam. Essas características associadas ao tempo visto em sua descontinuidade aparecem em “Pedra de sol”, onde encontramos a presença de elementos do barroco de origem ibérica, da arte helênica, influências das filosofias indianas, do surrealismo, e da cosmovisão mesoamericana. A referida descontinuidade, ou, melhor dizendo, simultaneidade de tempos e espaços, emerge nos versos do poema de Paz através da memória criadora que revive imagens da experiência memorial do poeta, transfiguradas pela palavra poética, de forma que a temporalidade histórica, transformada em arquétipo atemporal, volve a suceder no instante poético, incorporando feições míticas que encarnam e se presentificam.

Conforme argumenta a escritora e pesquisadora da Universidade de Colima no México, Gloria Vergara (2014, p. 66), para Octavio Paz, “a poesia é história e mito”. Mas, se a poesia é concebida como conúbio, conjugação, cópula de mito e história, então o poema seria algo mais que história e mito, isto é, seria distinto da soma dessas partes. Linguagem e mito são vastas metáforas da realidade, afirma Octavio Paz (PAZ, 1972, p. 34). Em “Pedra de sol”, nas imagens dos tempos copresentes, simultâneos, a sincronidade dos tempos mítico e histórico se dá nas ressonâncias com que o ritmo poético tece correspondências, conciliações de paradoxos como o real e o irreal, o subjetivo e o objetivo, a imaginação e a experiência perceptiva. Quanto à percepção experiencial e sua reelaboração no discurso poético, a pesquisadora da obra de Octavio Paz Patrícia Villegas (2008, p. 61), explica que todo o universo da experiência poética se encontraria construído sobre o mundo percebido e que a história contada por Paz,

não importa o gênero escolhido, pode significar o mundo perfeitamente, pois é a evidência de um mundo ao qual ele mesmo pertenceu. No caso do poeta, este toma seu destino nas mãos, é responsável por sua história

mediante o exercício de reflexão e escritura [...]. O poeta busca e engendra os recursos da poesia na reconstrução da história.

Dada a relevância, atribuída às reflexões pazianas, da memória em seus aspectos vivenciais, cabe expor de que maneira, na palavra poética, coexistem em simultaneidade as dimensões pessoal e coletiva da linguagem, fundando um discurso transpessoal. A arte poética, conforme a pensa Octavio Paz, consistiria em converter a personalidade em ponto de intersecção do subjetivo e do objetivo (ULACIA, 1999, p. 127). Abre-se, assim, a possibilidade de uma representação da poética paziana como conciliação das duas metades da esfera existencial; tal conjunção se expressaria na analogia entre a memória e o fundamento supra pessoal que se incorpora no discurso literário. Em “Pedra de sol” lê-se:

nunca a vida é nossa, a vida é dos outros,
é de ninguém a vida, todos somos
a vida – para os outros, pão de sol,
os outros todos que somos nós todos –,
sou outro quando sou, os atos meus
serão mais meus se forem de nós todos
(PAZ, 1988, p. 52)

Os versos sugerem a possibilidade da comunhão que abre espaço para a palavra habitar e ressignificar a história. Isso se dá por força da reconciliação com a raiz e o fundamento coletivo da experiência, imagem que constitui um símbolo da recriação de uma tradição, ou seja, da não ruptura com o passado, mas da reconciliação dos tempos, da busca do fundamento mitopoético comum entre o antigo e o atual.

A memória, na escrita poética de Paz – conforme a pesquisadora Maria Ivonete Santos Silva (2006, p. 123) – “é responsável pela presentificação de experiências que aconteceram

em um tempo e um espaço que não são os mesmos da escritura”.A memória criadora presentifica camadas de tempos históricos descontínuos e, enquanto recriação imagética da experiência temporal humana,pode ser entendida, sobretudo, como um dever comum, um bem coletivo; ela é anacrônica e escapa à corrente do tempo sucessivo linear;tal como a descreve a historiadora Beatriz Sarlo:a memória revela o presente (SARLO, 2007, p. 51).Quando a voz poética canta a memória,a imaginação recria um tempo. O tempo evocado na imagem ressurgese quem rememora, recorda no presente, o poema revela a presença humana, esta que habita o instante.A palavra poética presentifica a imagem do tempo, que não é outra senão a imagem da condição humana, história inscrita n asua presença.

Em “Pedra de sol”encarnam memórias que remetem aos eventos da Guerra Civil (1936 - 1939), que culminaram na incubação do fascismo na Espanha.Conforme narra de Sheridan (2004, p. 249), estudioso da vida e da obra de Octavio Paz, em julho de 1937, o jovem escritor mexicano chega a Madrid,Espanha. Naquele país Paz presenciaria cenas da guerra e dos dramas vividos pela sociedade espanhola.Vinte anos depois, esta experiência é recriada nos versos do poema “Pedra de Sol” (1957),em imagens cristalizadas da história e suas ressonâncias presentificadas:

Madrid, 1937,
naPlaza delÁngel as mulheres
cosiam e cantavam com seus filhos,
depois soou o alarma e houve gritos,
casas inteiras em pó convertidas,
rostos zurzidos, torres destruídas,
e o roncar dos motores seguiu fixo:
os dois se desnudaram e se amaram
para defender nossa porção eterna,
nossa ração de tempo e paraíso,
tocar e recuperar nossa raiz,
recuperar a herança arrebatada

há mil séculos por ladrões de vida,
os dois se desnudaram e se amaram
porque os desnudos corpos enlaçados
o tempo anulam, são invulneráveis,
nada os toca, retornam ao princípio,
não há tu ou eu, ontem, amanhã
ou nomes, verdades num só corpo e alma,
oh ser total...⁵

Nos versos de “Pedra de sol” a imagem do amor aparece como enlace, comunhão, reconciliação com a origem, em face das cisões do tempo histórico que desarraiga os seres. As imagens da morte e do amor encarnam a destruição e a geração. No torvelinho da barbárie da guerra, do totalitarismo anulador da vitalidade criativa, a solução para a crise emerge do elemento erótico, passando pelo corpo e reatando-o ao transcendente e sagrado. A presença humana, em sua condição de estar lançada na história, transcende sua limitação temporal, através do enlace dos elementos opostos: “os dois se desnudaram e se amaram/para defender nossa porção eterna/nossa razão de tempo e paraíso,/tocar e recuperar nossa raiz”.

Escreve Villegas: “Para Paz, a verdadeira história do homem e da mulher é a história de suas imagens, estas que encarnaram na poesia” (VILLEGAS, 2008, p. 68). No poema, a condição humana é expressa em sua temporalidade simultaneamente absoluta e relativa.

A memória se apresenta, em “Pedra de sol”, como reconciliação, restabelecimento do vínculo com a origem, restauração da comunhão originária do ser na unidade vital e poética, de forma crítica, defrontando a realidade.

O poema, segundo Octavio Paz, pode ser visto como um diário que conta ou revive certos momentos. Porém, é um diário impessoal: esses momentos foram transfigurados pela memória criadora. O escritor conclui: “um de nossos recursos contra o esquecimento é a poesia, memória da história pública ou secreta

dos homens” (PAZ, 1997, p. 17). Cantar a memória é, desde os tempos recuados das tradições orais, um antídoto contra o esquecimento. A memória é também um complexo tecido multidimensional e atua na inventividade poética – a vontade criadora, que é imaginação e desejo –, por vias que escapam a uma apreensão total: são fenômenos simultâneos que se amplificam na escritura.

Em “Pedra de sol” a experiência se transfigura no arquétipo da história, e encarna no tempo presente do poema, em um movimento que transmuta a memória singular em formas e imagens recorrentes e transpessoais:

fazia eu planos
para o verão – para os verões todos –
em Christopher Street, há mais de dez anos,
[...]
caminhei pela noite em Oaxaca,
imensa e verde-negra feito uma árvore,
falando a sós insano como o vento
e ao chegar ao meu quarto – sempre um quarto –
não me reconheceram os espelhos?
vimos a aurora desde o Hotel Vernet
dançar com os castanhos – ‘já é tarde’ –
dizias penteando-te e eu olhava
manchas brancas na parede, em silêncio?
e escalamos juntos a torre, vimos
realmente entardecer daquela ilha?
comemos uvas em Bidart? compramos
flores em Perote?
nomes, lugares,
ruas e ruas, faces, praças, ruas,
parques, estações, quartos solitários,
manchas na parede, alguém penteia-se,
alguém canta a meu lado, alguém se veste,
quartos, ruas, lugares, nomes, quartos,
(PAZ, 1988, pp. 33-7)

A biografia e a memória associadas ao ‘eu’, aparentemente singular e único, dissolvem-se na dimensão supra pessoal. O tempo que retorna iguala a experiência atrelada a uma subjetividade à experiência coletiva, já vivida e revivida há gerações, pelo conjunto dos seres humanos:

oh vida por viver e já vivida,
tempo que em marulhos surdos retorna
e vai embora sem voltar o rosto,
o que passou não foi mas está sendo
e silenciosamente desemboca
num outro instante que desaparece:
(PAZ, 1988, p. 26)

O monólito que dá nome ao poema paziano é um memorial atemporal. A “Pedra dos Sóis” de Tenochtitlan (atualmente, Cidade do México) é um monobloco de rocha com pictoglifos (formas de escrita icônica) esculpidos em sua superfície, e tem a forma de um disco ou um mandala. Proveniente da cultura Mexica, é também conhecida como ‘calendário asteca’. Este monumento em basalto consiste de uma roda de aniversários que celebra múltiplas datas, como a fundação do império Mexica ou Asteca (1376 d.C.), e remete, ainda, a povos mais antigos da Mesoamérica (BROTHERSTON, 2005, p. 2).

Nos ciclos temporais entalhados na Pedra dos Sóis, há duas ‘mensurações’, ou, mais precisamente, dois ritmos principais: um deles corresponde ao período da gestação humana; o outro, ao ciclo anual que regula o tempo civil da política e da economia, e acompanha o ritmo que o sol e as estrelas imprimem à terra (BROTHERSTON, 2005, p. 1).

Conhecedor das cosmovisões mesoamericanas, Octavio Paz escreve: “O calendário profano fecha-nos as portas de acesso àquele tempo original que abraça todos os tempos, passados ou futuros,

em um presente, em uma presença total” (PAZ, 1972, p. 62). O calendário chamado ‘sagrado’, ao contrário da indiferença cotidiana e homogênea do calendário profano, caracteriza-se pela celebração do tempo em suas datas míticas que retornam e fazem do presente o espaço onde se reavivam eventos ocorridos num tempo primordial ou originário, que pode ser, inclusive, a gênese ou recorrência de um evento histórico.

Nos glifos da Pedra dos Sóis, no México, estão grafadas as quatro idades do mundo. Segundo a leitura dos *tlacuilolli* (livros nativos pintados), cada uma destas idades terminou com uma catástrofe. O glifo correspondente à idade atual, a do quinto sol, estava reproduzido na primeira edição do texto de “Pedra de sol”, publicado em 1957 por Octavio Paz. Chama-se “4 *Ollín*”, que, em língua náuatle (a língua franca da Mesoamérica quando da chegada de Cortés), expressa, além da ideia de ‘terremoto’, a abstrata noção de ‘movimento’ (SANTOS, 2002, p. 53). Esta idade presente, a do quinto sol, sofreria seu colapso, sua extinção, com um tremor de terra, um ‘abalo’ ou ‘comoção geral’. Como observa Octavio Paz, esse seria o signo de nossa era, tempo de revoluções, guerras e convulsões sociais (VERGARA, 2014, p. 68). Ante a problemática perspectiva gerada pela era atômica, da velocidade e da voracidade industrial, aquela ‘memória do futuro’, prenunciada pelos calendários mesoamericanos como o colapso do fim da era, é sobriamente possível, quando associamos tal ideia ao ‘abalo’ dos paradigmas da civilização ocidental no pós-guerra.

Como contraparte ao aniquilamento dos valores humanos, o poeta e crítico Octavio Paz acredita que em tempos de conflitos e dissensões, o papel do poeta é vital, pois representa a busca de comunhão da palavra poética com a sociedade, e a restauração da voz criadora que reconcilia a memória de um povo e a noção de sagrado.

O renascimento do espírito criativo no ocidente, após os tempos de conflitos bélicos e ideológicos do século

XX, apresenta-se, em “Pedra de sol”, como a busca da reconciliação. Neste sentido, o contato com as cosmovisões antigas da América oferece perspectivas alternativas ao modelo de dominação intelectual do mundo ‘ocidental’, mas devemos lembrar, contudo, a importância de uma poética crítica, capaz de se nutrir das lições do passado sem, no entanto, exaltá-lo cegamente, sem projetar esse passado um tempo de ouro (cabe salientar que a pirâmide asteca também é um símbolo de poder sobre outros povos e sobre a natureza).

A Mesoamérica é berço de inúmeros povos que tinham, também, sua “literatura”, seu “lirismo” e uma longa história de experiências com a terra. Brotherston (1997, p. 13) propõe que a literatura da América pré-colombiana, os livros do ‘quarto mundo’, propiciam tanto uma fonte de inspiração poética à literatura nascente – que perpetua e renova aquele manancial –, quanto uma matriz sólida para o conhecimento histórico da memória dos homens e mulheres nascidos na terra do milho.

Assim como a Pedra dos Sóis do México prenuncia, para o final da atual idade, o cíclico fim de uma era, o poema “Pedra de sol” de Octavio Paz é representativo do cíclico fim da ideia de arte, ou o fim de uma ideia de arte moderna, e de sua capacidade de se recriar através não da ruptura com o passado, senão da conciliação de tradições aparentemente hostis. Em “Pedra de sol”, a convergência de cosmovisões, estilos e formas de arte, imagens do mundo antigo e contemporâneo, oriental e ocidental, reflete um solo comum de correspondências. Não seria esta uma maneira de reescrever a memória do Texto, que é a vida da linguagem, ou, a imagem da vida, a condição humana? Cabe, portanto, a indagação: ao encarnar a história dos dilemas, crises e dissoluções de paradigmas vivenciados no século XX, que as imagens de seu texto sugerem, “Pedra de sol” seria apenas fruto de seu tempo histórico, ou seria também a criação desta história?

Referências

- BROTHERSTON, Gordon. **Feather crown. The eighteen Feasts of Mexica year.** Londres: The Trustees of the British Museum, 2005.
- BROTHERSTON, Gordon. **La América indígena en su literatura: los libros del cuarto mundo.** Trad. Teresa Ortega Guerrero e Mónica Urtilla. Cidade do México: FCE, 1997.
- BROTHERSTON, Gordon. **Painted books from Mexico.** Londres: Trustees of British Museum, 1995.
- PAZ, Octavio. **El arco y la lira.** México: FCE, 1972.
- PAZ, Octavio. **La otra voz: poesía y fin de siglo.** México: Seix Barral, 1990.
- PAZ, Octavio. **Obras completas, vol. 11: Obra poética I.** Cidade do México: FCE, Círculo de leitores, 1997.
- PAZ, Octavio. **Obras completas, vol. VII: Los privilegio de la vista II: Arte de México.** Cidade do México: FCE, 1994.
- PAZ, Octavio. **O labirinto da solidão.** Trad. Eliane Zagury. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- PAZ, Octavio. **Pedra de sol.** Trad. Horácio Costa. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva.** Trad. Rosa Freire Aguiar. Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- SHERIDAN, Guillermo. **Poeta con paisaje: ensayos sobre la vida de Octavio Paz.** México, D. F.: ERA, 2004.
- SILVA, Eduardo Natalino dos. **Os deuses do México indígena.** São Paulo: Palas Athena, 2002.
- SANTOS SILVA, Maria Ivonete. **Octavio Paz e o tempo da reflexão.** São Paulo: Scortecci, 2006.
- ULACIA, Manuel. **El árbol Milenario: un recorrido por la obra de Octavio Paz.** Barcelona: Galaxia Gutenberg, 1999.
- VERGARA, Gloria. **Rastros prehispánicos en la poesía de Octavio Paz.**

Agathos, Romênia, vol. 5, n. 2, p. 65-80, 2004. Romênia: Editora Universidade Alexandru Ioan Cuza, 2014.

VILLEGAS, Patricia. Escritura, Poesía e historia en la obra de Octavio Paz. IN: VERGARA, Gloria. (Org). **Visiones de Octavio Paz**. México: Editorial Porrúa, 2008. P. 53-82.

ZIMMER, Heinrich Robert. **Mitos e símbolos na arte e civilização da Índia**. Trad. Carmen Fischer. São Paulo: Palas Athena, 1989.

Notas

² Em *La otra voz*, Paz escreve: “Em meus livros de prosa me propus servir à poesia, justificá-la e defendê-la, explicá-la ante os outros e diante de mim mesmo”, (PAZ, 1990, p. 56, tradução minha). Todas as traduções de textos não publicados no Brasil são de minha autoria.

³ A Mesoamérica abarca desde, a leste, as terras da Nicarágua, até o México e Michoacán, a oeste (BROTHERSTON, 1995, p. 10). Nela vicejaram vários povos, desde milênios antes da invasão espanhola.

⁴ *O labirinto da solidão e post scriptum*. Paz, 1984.

⁵ Paz, 1988, p. 37-39 (Trad. Horácio Costa).